

Sibacem

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES, COMPOSITORES E ESCRITORES DE MÚSICA

DIREÇÃO: BRAGA FILHO • N.º 75 • SETEMBRO 1968

| em revista





Dorival Caymmi e seu filho Danilo Tostes Caymmi, (Foto tirada em 17 de junho de 1964).

O paraíso de maracangalha

REPORTAGEM
PARA O MUSEU
DA IMAGEM E DO SOM

CAYMMI VÊ PARAÍSO EM MARACANGALHA

Sem encontrar desgostos, mas “tudo surpreendentemente agradável” nos seus 30 anos de vida artística, Dorival Caymmi gravou ontem a história de sua vida no Museu da Imagem e do Som, fazendo blague ao encontrar a sala de gravação cheia de jornalistas, câmaras e refletores de televisão, ao dizer que se sentia como em um IPM, dispondo-se a “confessar o que quiserem”.

Caymmi lembrou seu encontro com a música através do piano do avô e do violão do pai, dizendo que sua inspiração para as canções do mar nasceu nas praias da Bahia quando tinha 17 anos e descobriu “a pesca, o homem e a vida”.

IMAGEM

Não tendo manifestado preferência por nenhuma de suas composições em especial, disse Caymmi que a maioria delas partiu de um som, uma frase ou uma única palavra ouvida “da voz do povo”, como é o caso de *Maracangalha*, local que existe na Bahia, que nunca viu mas imagina como seu Paraíso, seu *shangri-lá*.

VOZ DO MAR

Dorival Caymmi nasceu dia 30 de abril de 1914 em Salvador, filho de Durval Henrique Caymmi e Aurelina Caymmi. Aos 16 anos começou a trabalhar como repórter do jornal *O Imparcial*, em Salvador, tentando, logo depois, ganhar dinheiro como vendedor praticista. Caymmi disse ontem no Museu que foi um fracasso, porque não conseguiu vender nada. Na sua atividade como repórter, fez as primeiras amizades com pescadores e, em suas palavras, descobriu “a pesca, o homem e a vida”, sentindo inspiração para escrever, inicialmente, versos. Já sabendo tocar violão, passou depois a adaptar seus versos, que falavam do mar e de pescadores, as músicas que ouvia no rádio.

O passo seguinte foi a composição de suas próprias músicas, nascendo o compositor quase sempre ligado ao mar. Estudante, cantor e compositor em Salvador, Caymmi deu seus primeiros passos no rádio por volta de 1935, quando compôs uma marcha de carnaval — *Noite de Temporal* — com a qual venceu um concurso carnavalesco, recebendo como prêmio um abajur.

AVENTURA DE DIREITO

Caymmi, segundo narrou para a gravação no Museu da Imagem e do Som, veio para o Rio em 1938, depois de sentir a necessidade de “tentar a aventura”. No navio Itapé viajou de Salvador para o Rio, com a idéia de trabalhar em jornal e estudar Direito. Por recomendação de seu pai, foi morar na pensão de um primo, chamado José Pitanga, na Rua São José, 35. O primo permitiu-lhe que ficasse 6 meses na pensão sem pagar nada, até “ajeitar a vida”. Na pensão Caymmi cantava e tocava violão, até que foi aconselhado pelo primo a tentar o rádio, porque “jornal não dá dinheiro e no Brasil só se ganha dinheiro em rádio e futebol”.

O primo de Caymmi tinha um amigo ligado ao rádio que lhe devia Cr\$ 500 e a quem foi apresentado com a recomendação de lhe “arranjar alguma coisa”. O amigo se chamava Assis Valente, que o levou inicialmente a César Ladeira, na Rádio Mayrink Veiga, e a Teófilo de Barros Filho, na Rádio



Tupi. O segundo, que é pai de Teo co-autor de *Disparada*, conseguiu-lhe um cachê de 30 mil réis e a estréia numa festa junina em 24 de junho de 1938. Dois meses depois o cantor se transferia para a Rádio Transmissora “com o ordenado fabuloso de 600 mil réis”, onde lançou seus primeiros sucessos, como *O que é que a Baiana tem* e *A Preta do Acarajé*.

CINEMA E CARMEM

Contou ainda Caymmi que um dia foi procurado por um emissário da Sono Filmes, que lhe propôs ter uma de suas músicas no cinema gravada por Carmem Miranda. Caymmi foi levado por Almirante ao apartamento de Carmem, na Urca, e a viu gravar “O que é que a Baiana tem” para o filme *Bancana da Terra*.

ACALANTO A NANA

Em 1939, contou ainda Caymmi, conheceu na Rádio Nacional a cantora Estela Tostes, mineira de Juiz de Fora. Um ano depois, a 30 de abril de 1940, dia de seu aniversário, se casaram. Estela deixou o rádio e com o nascimento da primeira filha, Nana, inspirou Caymmi para outra de suas canções famosas: *Acalanto*. Contou Caymmi que sua primeira filha chorava muito, o que o preocupava, especialmente pelo sono da esposa. Decidiu cantar para a filha dormir e lembrando de uns versos do

CANÇÃO DE NINAR GRAVADA COM SUA FILHA

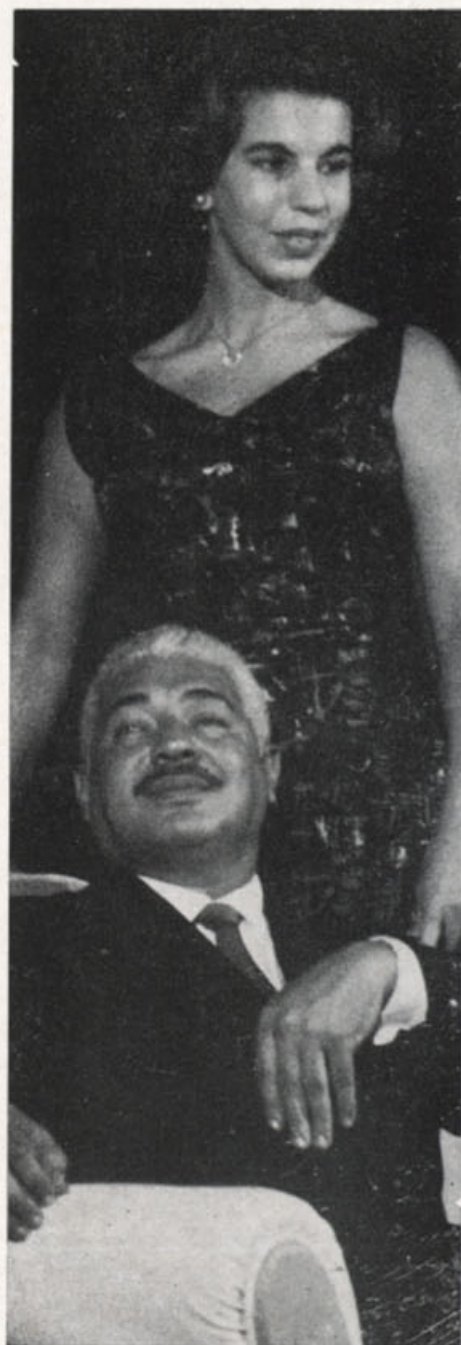
— SÃO TANTOS OS AMIGOS QUE DÁ PARA CONFUNDIR

folclore baiano — “boi, boi da cara preta / pega esta menina / que tem medo de careta” — sentiu inspiração, dela surgindo *Acalanto*, que foi depois gravado por êle e a esposa para servir como prefixo de encerramento da emissora para a qual trabalhava. Alguns anos depois, revelou Caymmi, gravou *Acalanto* com sua filha Nana. A gravação é a conhecida do público, pois a anterior não foi divulgada em disco.

Caymmi, em seu depoimento, disse que não tem preferência especial por nenhuma de suas composições, a maioria das quais inspiradas em uma palavra, uma frase ou um momento sentido entre o povo. Para o compositor, “o negócio é como um pai de muitos filhos: não tem direito a gostar de um mais que dos outros”. Revelou entretanto que gosta de “momentos” de algumas de suas composições. Citou o verso “jogue uma flor no colo da morena de Itapoã”, de *Saudade de Itapoã*.

Caymmi revelou ainda que não se lembra de nenhum desgosto em toda sua vida artística, mas que sente tudo “supreendentemente agradável”, destacando a importância que tem para êle o fato de possuir muitos amigos, tantos que dá para confundir”. Embora sempre frisando que não tem preferência por uma composição em especial, Dorival Caymmi não conseguiu esconder a importância que tem para êle *Maracangalha*. Com uma certa emoção, contou que a canção nasceu de uma única palavra — *Maracangalha* — nome de um lugarejo do Recôncavo Baiano. Um dia, narrou, encontrou um amigo em Sal-

vador que lhe disse que “domingo eu vou para Maracangalha”. Ele achou a “frase linda” e transformou o local em seu Shangri-lá pessoal, imaginando-o “um lugar descampado para onde se vai de branco e se encontra a liberdade”.



Dinabrin Tostes Caymmi (Nana Caymmi) e seu pai. (Flagrante de 21 de maio de 1963)